



Tecgraf: novos horizontes em modernas instalações

Nome do prédio é uma homenagem a importante Reitor da Universidade

As novas instalações do Instituto Tecgraf de Desenvolvimento de Software Técnico-Científico da PUC-Rio (Tecgraf) foram inauguradas no dia 17 de outubro. Construído ao lado do Giná-

sio da Universidade, no estacionamento, o prédio foi batizado com o nome do Reitor que conduziu a Universidade por 21 anos, padre Laércio Dias de Moura. O edifício marca a separação

física entre o Instituto e o Departamento de Informática e unifica toda a estrutura do Instituto. Hoje, o Tecgraf tem 334 funcionários e outros três centros na cidade do Rio de Janeiro. Desde

1987, o Tecgraf é parceiro da Petrobras. Além dos recursos financeiros, a empresa contribuiu para o modelo organizacional do Instituto e para o conhecimento e tecnologia do grupo. **PÁGINA 3**

Celso Amorim profere aula magna do IRI

PÁGINA 4

Curso de Teologia faz 45 anos

PÁGINA 5

Letras da periferia em destaque

O professor Paulo Roberto Tonani, do curso de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, publicou o livro *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*, fruto da tese de doutorado que ele defendeu. **PÁGINA 11**



GABRIELA DORIA

PÁGINAS 6 E 7

Várias faces da investigação

Congresso da Abraji reuniu jornalistas internacionais

Riscos e rabiscos para livros

A comunhão entre o texto e a imagem nos livros infantis é fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Os ilustradores Guto Lins e Mig Mendes falam sobre o processo de construção de desenhos em histórias para crianças, que acrescentam sentido e enriquecem o aprendizado do leitor. **PÁGINA 12**



GUTO LINS

O desenho ajuda a criança a desenvolver uma leitura da história

Direitos garantidos, liberdade adquirida

Promulgada no dia 5 de outubro de 1988, a Constituição Brasileira garante há 25 anos direitos dos brasileiros, como a liberdade de expressão, elei-

ções diretas e manifestação popular. Além disso, a Carta Magna marcou o fim da ditadura militar e o retorno da democracia. **PÁGINA 9**

REITOR

O artigo do Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aborda o quanto os avanços tecnológicos aproximam a Universidade dos alunos. Segundo o Reitor, os meios eletrônicos, ao mesmo tempo em que fascinam, obrigam a comunidade a refletir sobre o conteúdo veiculado. **PÁGINA 2**

REITOR

Desafios das novas tecnologias no ensino



Nas últimas décadas temos assistido o surgimento de novas mediações tecnológicas, ora nos desafiando, ora nos obrigando a pensar no uso das mesmas na transmissão do conhecimento em nossas universidades.

Hoje vivemos uma espécie de miscigenação metodológica, pois os usos dos métodos didáticos vão desde as formas mais tradicionais, como o quadro verde (outrora chamado de quadro negro) até as mais modernas, como data show, laptop, Ipad, tablet, entre outros.

Embora a maneira de transmitir o conhecimento seja muito variada dentro de cada área do saber científico, não podemos negar que somos pressionados a nos adaptarmos àquilo que hoje é mais acessível ao horizonte das novas gerações dos alunos, no ensino médio e superior. As facilidades tecnológicas que temos disponíveis atualmente, facilitam não apenas na didática em sala de aula, como também nas consultas, acessos bibliográficos, comunicação com os alunos etc. O peso de antigos projetores e retroprojetores que muitos de nós levávamos outrora para a sala de aula, foi substituído pela leveza dos pendrives, tablets

e Ipads. As facilidades das imagens, textos, referências, entre outras, contribuem para a motivação e participação dos alunos, quebrando a monofonia de quem transmite e a passividade de quem escuta e aprende. As teleconferências e outros mecanismos de comunicação à distancia são também mediações opativas que aos poucos vem quebrando a hegemonia do presencial passivo.

No entanto, estas novas mediações tecnológicas nos colocam diante de dois grandes desafios que são fundamentais no processo de aprendizagem. O primeiro, consiste na relação insubstituível entre o aluno e o professor, relação esta que vai além dos conteúdos disciplinares, envolvendo dimensões afetivas e existenciais. O segundo, diz respeito à profundidade de conteúdos, pois nem sempre o que existe disponível nos meios eletrônicos corresponde àquilo que gostaríamos de transmitir em profundidade aos nossos educandos. A veracidade de alguns conteúdos, as reais referências e a superficialidade de alguns conteúdos, são preocupações que fazem parte do corpo docente, como também das sérias e

reconhecidas instituições de ensino em nosso país.

Somos convidados não só a nos abirmos ao uso de novos meios tecnológicos em nosso processo de transmissão de conhecimento, mas, sobretudo em buscar o equilíbrio entre aquilo que é meio, com aquilo que se pretende como fim no exercício do magistério. Profundidade, conteúdo e seriedade devem estar presentes no uso das mediações tecnológicas, que hoje fascinam as novas gerações e facilitam a vida de quem ensina e aprende. A abertura para o novo, na perspectiva da Universidade está associada com a seriedade e a profundidade de nossos saberes científicos. A adaptação aos meios tecnológicos disponíveis, sobretudo aos eletrônicos, é algo que ao mesmo tempo em que nos fascina, facilita e aproxima mais dos estudantes, nos obriga também a refletir e questionar sobre o que está sendo produzido e disponibilizado. Racionalidade tecnológica e racionalidade axiológica devem andar juntas, pois fascínio e valores não podem faltar em nosso meio acadêmico.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Compram-se engenheiros

E agora o MEC pretende dar bolsas de R\$ 150 para quem escolher exatas na universidade. Ora, não é assim que se estimulam carreiras como engenharia, e sim melhorando o ensino de matemática/física/química nas escolas. Não adianta ter um ensino abstrato e querer que o estudante siga carreiras para as quais lhe falta base e cujo conteúdo parece sem sentido.

Muitos professores universitários comentam que recebem alunos com defasagem de conhecimentos e, nos primeiros períodos, precisam dedicar tempo a rever conteú-

dos que seriam do Ensino Médio. Não surpreende: relatório recente do Todos pela Educação mostra que a cada dez alunos que terminam o Ensino Médio, apenas um se forma sabendo o que deveria em matemática. No último SAEB, apenas um aluno em cada 20 alcançou desempenho satisfatório nessa disciplina.

Um dos problemas é o ensino ainda muito tradicional. Além disso, muitas vezes, se ensinam conhecimentos matemáticos complexos em fases em que o aluno ainda não tem suficiente desenvolvimento cognitivo. Por exem-

plo, como crianças de 11 anos podem entender completamente o sentido de “produtos notáveis” e “fatorações”?

O que os alunos precisam, antes disso, são aulas que estimulem o raciocínio lógico e lancem desafios para resolver problemas que tenham ligação com situações práticas. Assim, será mais possível que os jovens se encantem pela matemática e percebam que têm competências para ir além, escolhendo carreiras nessa área.

■ ANDREA RAMAL
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

OBITUÁRIO

Ricardo Oiticica

(1959–2013)

FELIPE CORRÊA



Uma alma rara. É assim que alguns dos amigos definem o diretor do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio e coordenador da Cátedra Unesco de Leitura, o professor Ricardo Beserra da Rosa Oiticica. Ele morreu aos 54 anos, na tarde do dia 19 de outubro, vítima de um ataque cardíaco.

Oiticica era bacharel em direito e fez mestrado e doutorado em literatura na PUC-Rio. Pesquisador da Cátedra desde a sua fundação, em 2006, o professor coordenava projetos, entre eles o Pontão de Leitura PUC-Rio em parceria com o Ministério da Cultura (MINC).

Para o Vice-Reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio, professor Sérgio Bruni, amigo

de Oiticica há três anos, ele era “generoso, acolhedor, leve e um missionário da arte de expandir a leitura”.

– Há 15 anos ele se dedicava a difundir a leitura. Era um sujeito enciclopédico e excepcional, e para nós aqui da PUC, com certeza vai fazer muita falta – afirmou.

Como um intelectual refinado e ao mesmo tempo modesto – segundo amigos próximos – ele conseguia transitar em diversos campos – filosofia, sociologia, teatro, futebol. Na partida do dia 27 de outubro, no Maracanã, Fluminense contra o Vitória, o time tricolor homenageou o torcedor que um dia fez parte de seus jogadores: um minuto de silêncio para Ricardo Oiticica, que foi campeão infantojuvenil pelo time.

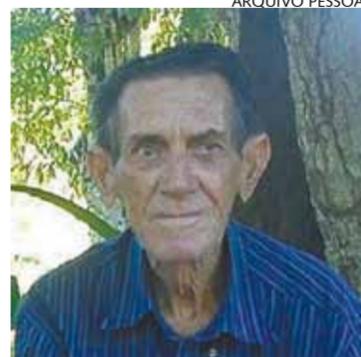
Desde 2010, o professor organizava a Semana de Consciência Negra da PUC, que este ano vai homenageá-lo. O evento ocorrerá dos dias 4 a 8 de novembro. Oiticica foi enterrado no dia 21 de outubro no Cemitério São João Batista, em Botafogo e deixou mulher e quatro filhos.

GABRIEL PINHEIRO

Orlando Cazetta

(1930–2013)

ARQUIVO PESSOAL



Diferente de muitos brasileiros, não era chegado a futebol. O que ele gostava realmente era de viajar. Homem pacato e apegado às origens, era muito apaixonado pela terra natal, Astolfo Dutra, Minas Gerais. Sempre que podia, viajava para sua cidade.

Amigos de trabalho dizem que ele era uma pessoa de muita presença. Fazia questão de comparecer às reuniões de colegas, como almoços e encontros. Rotineiro, sempre trazia a marmita e era um trabalhador disciplinado. Cazetta tinha 83 anos e deixou mulher, cinco filhos e cinco netos.

DIEGO ROMAN

Expansivo, brincalhão, simples e humilde: essas eram as características de Orlando Cazetta, ex-funcionário da PUC-Rio, que morreu, no mês de agosto, vítima de uma parada cardíaca, em Ubá. Cazetta foi operador de mimeógrafo na antiga gráfica da universidade entre 1970 e 1997.

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. **Coordenadora-Adjunta:** Profª. Julia Cruz. **Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **Jornalista Responsável e Editora:** Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora e Chefe de Reportagem:** Profª Adriana Ferreira. **Projeto Gráfico e diagramação:** Profª. Mariana Eiras. **Fotografia:** Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração:** Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial:** Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. **Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail:** redação: imprensa.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br. **Impressão:** gráfica do Lance.

FELIPE MARQUES E GABRIELA MATTOS

O Instituto Tecgraf de Desenvolvimento de Software Técnico-Científico da PUC-Rio (Tecgraf) inaugurou, no dia 17 de outubro, as novas instalações ao lado do Ginásio, no estacionamento. Em homenagem ao Reitor que liderou a Universidade por 21 anos, de 1962 a 1970 e de 1982 a 1995, o edifício foi batizado de Prédio Laércio Dias de Moura. Representantes da Petrobras, empresa parceira do Tecgraf há 26 anos, participaram da cerimônia de inauguração.

O Instituto, criado como um dos laboratórios do Departamento de Informática, tem 334 funcionários e outros três centros distribuídos pela cidade. Essa estrutura complexa de contingente profissional e de unidades de trabalho requereu um local próprio que pudesse congrega todas as 14 divisões do Instituto.

Parceira desde 1987, a Petrobras foi essencial para inspirar a cultura gerencial e o modelo organizacional de desenvolvimento implantados no Tecgraf. O diretor do Tecgraf, Marcelo Gattass, ressaltou os desafios de uma parceria com uma grande empresa.

– São dois pontos fundamentais: trazer o desafio e trazer os recursos necessários para que a gente possa trabalhar. Uma grande empresa, quando ela tem um caráter inovador, traz esses desafios para a universidade e motiva, sinergiza muito o quadro discente e docente para trabalhar nesses programas – explicou.

Além dos recursos financeiros necessários, observou Gattass, é importante que todo o conhecimento e a tecnologia que serão desenvolvidos na parceria empresa-universidade possam ser aplicados concretamente. Para ele, é aí que surge a inovação presente no mercado. De acordo com o assessor da presidência da Petrobras Álvaro Maia, conhecimento sem aplicação definida não tem utilidade prática. Assim, alguns profissionais formados pela universidade poderão ser absorvidos pelo Tecgraf.

– Toda pesquisa deve ter como direcionador principal a aplicação em alguma atividade, aí ela se torna inovação – que é todo o conhecimento que vai para o mercado. A universidade é formadora de pessoas, de profissionais. Essa parceria empresa-universidade permite a utilização apropriada das pessoas que são instruídas pela instituição – disse.

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., enfatizou que o caráter de pesquisa da Petrobras é coerente

Conquista: Novas instalações unificarão todos os três centros atualmente distribuídos pela cidade

Instituto Tecgraf ganha nova sede

Prédio tem nome do ex-Reitor padre Laércio Dias de Moura

FLÁVIA ESPÍNDOLA



O diretor Marcelo Gattass (dir.) reforçou o quanto é importante a parceria tecnológica científica de setores da Universidade com empresas

te ao modelo da Universidade.

– Sempre é muito bom que uma universidade de pesquisa, como é o nosso modelo da PUC, esteja ligada a uma empresa que tem essa preocupação de desenvolver pesquisa e tecnologia para o desenvolvimento do país – afirmou.

Embora se acredite que exista uma grande quantidade de investimento em pesquisa, o superintendente de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), Elias Ramos de Souza, afirmou que esse investimento é importante para que o Brasil consolide uma posição de liderança no mercado.

– O Brasil é competitivo em águas profundas, mas os recursos não são demais. São recursos necessários, mas que, se bem aplicados, podem contribuir para que o Brasil desempenhe um papel de liderança muito grande – explicou.

História ligada ao desenvolvimento

Petrobras é o principal cliente de tecnologias criadas no instituto

Fundado em 1987, o Tecgraf é fruto de um convênio de intercâmbio científico-tecnológico entre a PUC-Rio e a Petrobras, firmado no ano anterior, em 14 de agosto de 1986. O Instituto foi criado

com objetivo de unir, de maneira equitativa, a produção científica e tecnológica. O Tecgraf também faz parte da história da Petrobras. Para ela, o Instituto desenvolve quase 50 sistemas de computação gráfica

FLÁVIA ESPÍNDOLA



Instituto reservou o 7º andar do prédio para uma exposição interativa

que vão desde soluções para poços de petróleo até plataformas. O Tecgraf, embora ofereça auxílio constante à Petrobras, também mantém parcerias com outras empresas, como a Marinha do Brasil, a Infraero e a Rede Globo.

Atualmente, o Tecgraf tem 14 divisões, como a geofísica computacional, a modelagem geológica de sistemas petrolíferos e a engenharia de sistemas distribuídos, com mais de 60 doutores e 100 mestres que trabalham em tempo integral. Por meio do uso da computação gráfica, o Instituto desenvolve sistemas a partir de modelagens matemáticas, simulações e visualizações tridimensionais. Tudo é feito sob encomenda, com o objetivo de fomentar a pesquisa e o desenvolvimento nacional.

Diplomacia: Ministro da Defesa discursou em aula inaugural

Os limites entre vigiar e espionar

Celso Amorim sugere tratado universal para coibir prática usada na guerra cibernética

FLAVIA ESPÍNDOLA

ERICKA KELLNER E LETICIA GASPARINI

O ministro da Defesa, Celso Amorim, participou da aula magna promovida pelo Instituto de Relações Internacionais, no dia 11 de outubro. O tema da aula, Novos Desafios da Segurança Internacional, abordou os impactos do ambiente cibernético nas relações entre os países.

Celso Amorim afirmou que o ambiente cibernético, por ser uma grande rede sem fronteiras, pode atuar como armamento, e causar conflitos entre as nações. O termo usado durante o encontro, *cool war*, refere-se a um paralelo entre armamentos cibernéticos e outros tipos de armamento. Uma guerra a distância que provoca, segundo ele, uma desestabilização das relações, uma vez que se pode “matar sem correr o risco de ser morto”.

– A linha que separa o monitoramento de dados da guerra cibernética é tênue, e a justificativa de combate ao terrorismo, oferecida para a coleta de informações, é rigorosamente infundada e descabida. Não seria este o momento para se pensar, então, em um tratado universal de proibição do primeiro uso



Amorim elogia qualificação de profissionais em Relações Internacionais

do armamento cibernético por qualquer país? – indagou.

Nesse contexto, Amorim afirmou que o desafio não é só político, mas também analítico, o que, para ele, mostra a importância da participação das universidades nessa repercussão. Ele ressaltou ainda que a criação dos cursos de Relações Internacionais viabilizou uma maior qualificação dos profissionais da área de diplomacia e significou o reconhecimento da relevância desse

segmento para as relações entre as nações.

– O surgimento dos cursos de Relações Internacionais é sinal da importância que o Brasil assumiu com o mundo e o mundo assumiu com Brasil – afirmou.

Estiveram também presentes no encontro o diretor do IRI, professor Paulo Esteves, o Decano do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, professor Luiz Roberto Cunha, e o Vice-Reitor, padre Francisco Ivern Simó, S.J..

Imprensa: Alunos participam de palestra da Semana de Rádio e TV

Repórter do Mídia Ninja provoca debate acalorado

Felipe Peçanha explica os objetivos dos veículos independentes

LUÍSA LACOMBE

Integrante da Mídia Narrativas Independentes Jornalismo e Ação (Ninja), Felipe Peçanha veio à PUC-Rio conversar com os estudantes do curso de Comunicação Social no dia 24 de setembro. O encontro fez parte da Semana de Rádio e TV, promovida pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade.

Peçanha explicou que, diferentemente do que se pensa, o Mídia Ninja não começou

nas manifestações, mas é resultado de uma série de trabalhos de cunho jornalístico e cultural.

– O Ninja é uma plataforma colaborativa que tem um acúmulo de um trabalho em rede feito há pelo menos cinco anos. Foi uma estrutura que surgiu do Fora do Eixo – contou.

Durante o debate com alunos e professores, Peçanha levantou questões como a função e os objetivos das mídias independentes.

– O papel da mídia inde-

pendente é mostrar que a participação e o envolvimento nas causas da sociedade podem provocar mudanças – explicou.

Peçanha disse não concordar com a violência vista nas ruas, alertando sobre um vandalismo que não é feito pelos manifestantes.

– Existe o vandalismo de Estado, que impede que as pessoas tenham uma vida melhor. Essa violência não saiu do Brasil depois de 1984 (fim da Ditadura Militar).

PELO CAMPUS

Os desafios da imprensa

GABRIELA DORIA



Editora-chefe do Metro, Ana Lucia do Vale, participou da palestra

No dia 23 de setembro, estudantes do segundo período do curso de Comunicação Social tiveram oportunidade de assistir à palestra Os desafios da mídia impressa na era digital. Participaram a editora-chefe do Metro, Ana Lucia do Vale, o repórter da Veja, Leslile Leitão e o

crítico musical do jornal O Globo, Silvio Essinger.

Ana Lucia do Vale lembrou o trabalho cooperativo entre as 108 redações do jornal pelo mundo, que compartilham matérias entre si. Já Silvio Essinger falou sobre a dupla função de crítico e repórter no Segundo Caderno. LUÍSA LACOMBE

Democracia e manifestações

FLAVIA ESPÍNDOLA



Para Chantal Mouffe, o dinheiro é um percalço para a democracia

Belga, filósofa política e professora da Universidade de Westminster, em Londres, Chantal Mouffe participou de um minicurso organizado pelo Departamento de Direito da PUC-Rio nos dias 26, 28 e 30 de agosto. Associada às perspectivas pós-marxista e anti-essencialista, Chantal

teoriza a respeito das democracias e reflete sobre os movimentos sociais cada vez mais frequentes no mundo inteiro. A filósofa tem acompanhado as manifestações populares no Brasil que, para ela, fazem avançar o processo democrático.

RODRIGO ZELMANOWICZ

Acordo Brasil com Santa Sé

O Seminário para Advogados e Administradores de Dioceses e Entidades Religiosas discutiu o Acordo Brasil/Santa Sé: implicações jurídicas e administrativas. Realizado entre os dias 8 e 9 de outubro, o encontro teve parceria com a Arquidiocese do Rio de Janeiro e com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Promulgado no dia 13 de novembro de 2008, o Acordo estabelece os direitos e

deveres da Igreja Católica no território brasileiro, como o reconhecimento de ausência de vínculo trabalhista com o religioso. O artigo 11º chama atenção por falar sobre o ensino religioso nas escolas públicas. Para o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, O. Cist., essa nova lei é importante, pois reconhece o lado jurídico das entidades eclesiais. GABRIELA MATTOS

E MARIANA SALES

Veja matéria completa no site do Jornal da PUC:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Religião: XIV Semana Teológica comemora os 45 anos do curso de Teologia com debate sobre a fé em um mundo plural

O cristianismo além da Igreja

A cultura do diálogo deixado por Papa Francisco como missão aos fiéis

RODRIGO ZELMANOWICZ

A XIV Semana Teológica com o tema a Inteligibilidade da Fé Cristã num Mundo Plural foi realizada de 1º a 3 de outubro. Nos dois primeiros dias, foram discutidas as interpelações do Papa Francisco com enfoques teológicos e pastorais. No terceiro dia, como parte dos eventos da semana, o seminário Memória, Identidade, Missão celebrou os 45 anos do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Para o professor João Fernandes Reinert, do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, a inteligibilidade da fé deve ser entendida como uma fé pertinente e com significado: é se dar conta da revelação de Deus.

– A inteligibilidade é a identificação da fé, é a apropriação da fé. Para que haja essa resposta da fé, é preciso que aconteça essa apropriação da fé, essa pertinência da fé, e essa resposta é um processo.

O Arcebispo do Rio de Janeiro e Grão-Chanceler da PUC-Rio, Dom Orani João Tempesta, O. Cist., abriu o ter-



A professora Maria Clara Bingemer, Vice-Decana do CTCH, comenta sobre os desafios da missão teológica atual

ceiro dia do encontro e ressaltou a importância da cultura do diálogo, constantemente usada pelo Papa, e da contribuição de

todos para que a PUC-Rio seja uma instituição exemplar.

– É uma alegria estar celebrando esse dia especial. Para

todo cristão, a missão é aquilo que transcende tudo a que estamos dispostos a realizar – afirmou Dom Orani.

O padre Alfonso García Rubio, que fundou o Departamento com o padre Antonius Benkő, em 1968, também estava presente e discursou sobre a criação do curso e os caminhos da Teologia no mundo de hoje.

– O Concílio Vaticano II foi decisivo para a criação da faculdade de Teologia e a alma de criação dessa faculdade foi o padre Benkő. A questão pelos pobres continua sendo prioritária. Além disso, devemos repensar a imagem de Deus, porque ela não está clara, não pode ser a de um dominador. Nós precisamos de cientistas-teólogos nas universidades.

De acordo a Vice-Decana do CTCH, professora Maria Clara Bingemer, a missão da Teologia atualmente é a do diálogo, o que ela considera ser um desafio.

– A missão da Teologia, hoje, é pensar a fé de maneira a poder dialogar na Igreja e no mundo. Penso que ela é cada vez mais chamada a dialogar com as outras disciplinas, com os outros saberes e dialogar com as ciências de natureza é um desafio grande.

Economia: Pesquisadores discutem o novo papel das forças emergentes na política mundial

BRICS e o novo sistema internacional

Um debate sobre o impacto que a ascensão dos cinco países do grupo pode causar

RODRIGO ZELMANOWICZ

Em busca de um melhor entendimento sobre o agrupamento BRICS e a nova ordem internacional, mais de 20 professores e pesquisadores do mundo inteiro participaram do seminário *Rising Powers and Contested Orders in the Multipolar System*. Organizado pelo Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI) e pelo Centro de Estudos BRICS, em parceria com o German Institute of Global and Area Studies (GIGA), o simpósio foi realizado nos dias 19 e 20 de setembro.

Convidado para a abertura, o ministro-chefe interino da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) e presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Marcelo Neri, vê os BRICS fortes em um crescente do ponto de vista econômico.

– Os BRICS estão crescendo economicamente, mas a grande força é a população, são 40% do mundo. Além disso, há diferenças internas, a trajetória de cada país é muito diferente e essa que eu acho que é a riqueza do grupo.

Para o professor João Nogueira, do IRI, é preciso discutir os BRICS para tentar entender qual pode ser o impacto deles em certas áreas das relações internacionais. Segundo ele, os BRICS são uma experiência nova, em um novo contexto de cooperação entre países que não fazem parte do chamado bloco ocidental.

– É um experimento para ver se o que foi tentado no passado muitas vezes e que não funcionou na cooperação entre o sul, hoje pode funcionar principalmente na área econômica. É também uma tentativa de influenciar em algumas

mudanças no sistema internacional, propondo uma visão de mundo menos centrada na Europa e nos países do capitalismo avançado e uma visão que seja mais inclusiva.

Natural de Guiné, na África, o professor do departamento de Ciências Sociais da Johns Hopkins University de Baltimore, Estados Unidos, Siba Grovogui entende que já era hora de haver um debate sobre as forças emergentes.

– Os princípios do sistema internacional desde o fim da Segunda Guerra eram o da igualdade, justiça, desenvolvimento e bem-estar. Entre esses princípios, que todos parecem ter concordado, e como esses princípios deveriam ter sido postos em prática, há um abismo. Nesse abismo, há várias questões, há a questão da democracia, a questão da participação, e

já era hora de discutir isso. Apesar de muitos verem esses países apenas do ponto de vista econômico, existem problemas muito maiores e simbólicos envolvidos.

Para o diretor-executivo do *Centre for Conflict Resolution* (CCR) da Cidade do Cabo, na África do Sul, Adekeye Adebajo, o fato de os BRICS abrangem uma grande parte da população e da economia do mundo significa que é pelo menos uma oportunidade para oferecer uma alternativa à dominação ocidental dos últimos séculos.

– Mesmo que os BRICS não sejam muito coerentes ou coesos, pelo menos oferecem uma chance para começar a pensar e definir polos de poderes alternativos no mundo. Eu acho que isso só pode ser saudável, porque nós não queremos uma ordem mundial dominada pelo Ocidente.

Leia o
Jornal da PUC
na internet

www.puc-rio.br/jornaldapuc



Cosmopolita: A Conferência Global de Jornalismo Investigativo reuniu, em um único lugar, três fóruns diferentes: o 8º Congresso

O papel da imprensa na pós-modernidade

PUC recebe profissionais que trabalham em veículos de diferentes países

DA REDAÇÃO

Discutir jornalismo investigativo é, antes de tudo, colocar em cheque o próprio termo nomeador do setor. Para alguns, Jornalismo Investigativo é um paradoxo, pois a essência da profissão, a apuração, a investigação, é intrínseca à reportagem. Há outros, entretanto, que alegam ser o jornalismo investigativo um ramo à parte, um meio-irmão, uma espécie mais rara e mais trabalhada do fazer jornalístico. Essa e outras questões, como o caso Watergate, a Mídia Ninja e o caso Snowden, por exemplo, figuraram nas discussões de 12 a 15 de outubro, na Conferência Global de Jornalismo Investigativo, sediada na PUC-Rio.

Desmembrado em três grandes fóruns, – o 8º Congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), a 8ª Global Investigative Journalism Conference e a 5ª Conferencia Latinoamericana de Periodismo de Investigación (Colpin) –, o evento reuniu nomes de prestígio do jornalismo investigativo nacional e internacional, além de uma legião de interessados no setor. Os blocos temáticos norteadores das palestras foram Corrupção e Crime Organizado, Meio Ambiente e Recursos Naturais e Esportes.

No contexto brasileiro, com as manifestações de junho e, a partir delas, as agressões a repórteres e o surgimento da Mídia Ninja como um corpo quase sempre opositor aos veículos tradicionais de informação, o tema da liberdade da expressão na imprensa ganhou cadeira cativa nas pautas jornalísticas. Para o Coordenador de Graduação do Curso de Comunicação Social da Universidade, professor Leonel Aguiar, essa discussão trata, antes de tudo, do direito das pessoas de receber informação.

– A primeira questão é a defesa da liberdade de expressão do ponto de vista dos jornalistas profissionais que atuam lá fora. E da violência, todos os tipos



O repórter escocês Andrew Jennings discutiu sobre investigação nos esportes e ofereceu dicas aos iniciantes

de violência, que os jornalistas sofrem pelo mundo. Também acho que, quando se fala de liberdade de expressão, não é a defesa da liberdade de imprensa apenas no ponto de vista de uma empresa jornalística. Mas, antes de tudo, o direito que a sociedade tem de receber informação jornalística – explicou.

Atualmente, nos jornais diários, de acordo com Marcelo Moreira, presidente da Abraji e editor-chefe do telejornal RJ-TV, existe pouco espaço para matérias mais aprofundadas. Em tempos de redações enxutas e excesso de demanda, segundo ele, o jornalismo investigativo surge como uma questão delicada. As empresas reconhecem a necessidade desse tipo especial de reportagem, mas falta incentivo delas próprias. As crises econômicas contribuem para a diminuição do incentivo financeiro a esse tipo de matéria.

– A crise econômica no planeta afeta também as redações de jornalismo. Então, uma matéria que demande mais tempo de produção acaba sendo preterida em relação às outras, que são feitas no dia a dia. Mas há um entendimento de que não se faz bom jornalismo sem essas matérias de profundidade. O investimento é realmente menor do que achamos que ele deveria ser. Mas existe um entendimento geral, de

qualquer jornalista, de qualquer empresário, dono de jornal, que essas investigações não podem deixar de ser feitas – apontou.

Ao todo, foram mais de 120 palestras e eventos alternativos, como workshops colaborativos,

maratonas hackers, apresentações de trabalhos acadêmicos e painéis de jornalismo de dados. Algumas exposições foram tão procuradas que chegaram a criar tumulto nas filas, como no caso de Caco Barcellos, da TV Globo, e Eliane

Brum, escritora, documentarista e jornalista independente. Profissionais estrangeiros também fizeram sucesso na conferência. Andrew Jennings, repórter escocês, deu uma aula de jornalismo investigativo na área de esportes e elencou várias características necessárias para quem quer seguir por esse caminho.

– O repórter deve transmitir confiança para que não achem que ele é mau caráter. Deve se manter sempre calmo e educado, não se prolongar nas perguntas. É preciso também paciência para pesquisar. Mas o mais importante de tudo é se divertir. Jornalismo investigativo é divertido – contou.

PARTICIPARAM DA COBERTURA: ANA COSTA, ARTHUR MACEDO, DAVI BARROS, DIEGO ROMAN, ERICKA KELLNER, FELIPE MARQUES, GABRIELA MATTOS, HUGO PERNET, ISADORA CABRAL, JULLIA MENDONÇA, LETÍCIA GASPARINI, MARIANA SALES, NICOLE LACERDA, RODRIGO ZELMANOWICZ.

Um olhar feminino para o horror

Jornalista publicou em livro série de reportagens premiadas

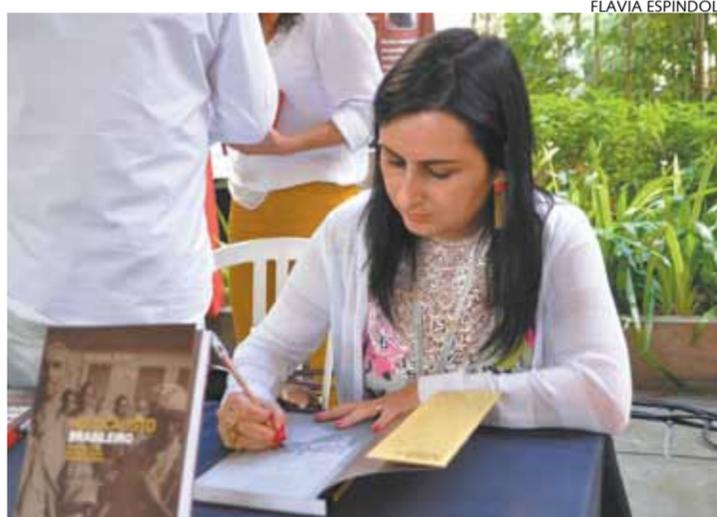
Abandono, tortura e morte. Esse cenário de guerra esteve presente durante cerca de 50 anos no hospício Colônia, em Barbacena, Minas Gerais. O Colônia abrigou diferentes pessoas, como epiléticos, homossexuais, crianças e grávidas. Os

motivos de internação nem sempre eram mentais. Esse assunto é tema do livro *Holocausto Brasileiro*, da jornalista Daniela Arbex, do jornal Tribuna de Minas, presente na Conferência Global de Jornalismo Investigativo, no dia 13 de outubro.

O hospício já havia sido descrito em reportagens e documentários, como o *Em nome da razão*, do diretor Helvécio Rattón, filmado no próprio local, em 1979. Mas Daniela quis fazer diferente. De acordo com a jornalista, esta é a primeira vez que o assunto é abordado pelo olhar dos sobreviventes.

– Procurei por aquelas pessoas que apareceram nas fotos tiradas pelo fotógrafo Luiz Alfredo. Com essas imagens na mão, pedi ajuda de ex-funcionários e aos moradores da cidade – explicou.

O livro surgiu depois de uma série de sete reportagens publicadas no Tribuna de Minas. Com mais tempo de apuração, Daniela, no livro, aprofundou o assunto. A jornalista também ganhou o Prêmio Esso, em 2012, por causa das reportagens.



Daniela Arbex autografa obra sobre a vida dos internos de hospício

GABRIELA MATTOS

da Abraji, a 8ª Global Investigative Journalism Conference e a 5ª Conferencia Latinoamericana de Periodismo de Investigación

Segredo essencial para a denúncia

Jornalistas mantêm sigilo de identidade em prol da reportagem

NICOLE LACERDA E DIEGO ROMAN

Rostos invisíveis que revelam casos escandalosos. Essa é característica dos jornalistas que se arriscam para desvendar fatos que, a princípio, não seriam divulgados. A Conferência Global de Jornalismo Investigativo 2013, realizada entre os dias 12 e 15 de outubro, na PUC-Rio, atraiu curiosos a fim de descobrir as identidades misteriosas de repórteres que não revelam a fisionomia em suas matérias.

Jornalista da TV Globo, Eduardo Faustini, famoso por realizar reportagens com câmera escondida, falou sobre a importância de não revelar a identidade. Ele contou sobre algumas ameaças que sofreu, e inclusive, um fato que ocorreu no prédio onde ele mora. Com medo, os vizinhos fizeram uma reunião de condomínio, pedindo que ele se mudasse para não colocar em risco a vida dos



DIEGO MADUELL

outros moradores. Apesar das limitações que enfrenta, o repórter ainda se diz encantado pela profissão.

– Eu amo o que eu faço, sou apaixonado pelo meu trabalho. Ganho para fazer, mas faria até de graça.

A jornalista peruana Karla Ramírez também produz reportagens com câmera escondida, como em uma matéria sobre editoras de livros que tinham acordos com colégios para cobrar valores bem acima da média. A

filmadora, na roupa, foi confundida com o botão da camisa.

Apesar das ameaças que sofre, ela disse que leva uma vida normal, mas pede para a família não dar informações sobre ela para qualquer pessoa.

Karla afirmou que não teme expor a imagem ao público. Para ela, isso faz parte do trabalho.

– Não pode ser minha prioridade não revelar minha identidade. Não posso trabalhar com medo de que as pessoas saibam quem sou – disse.

Vida dividida entre o risco e a notícia

Glenn Greenwald conta como revelou o esquema de espionagem americano

RODRIGO ZELMANOWICZ

Admirado no meio jornalístico da atualidade e considerado um herói por divulgar o esquema de espionagem americano, Glenn Greenwald participou da 8ª Conferência Global de Jornalismo Investigativo. Ele foi bombardeado por perguntas de jornalistas, e contou desde a graduação em Direito, até como se envolveu no caso do ex-técnico da Agência de Segurança dos Estados Unidos (NSA), Edward Snowden. Hoje, Greenwald mora no Rio de Janeiro, sofre constantes ameaças e não pode voltar para o seu país.

Em dezembro de 2012, Snowden entrou em contato via e-mail com Greenwald disse ter documentos de interesse público. A partir daí, o jornalista americano começou a investigação que entrou para a história e criou um mal-estar generalizado com o governo dos Estados Unidos. Ele afirmou ter uma quantidade enorme de informação, mas faz as denúncias aos poucos, de forma cautelosa, para não colocar a vida de pessoas inocentes em risco.

– Você tem que fazer uma avaliação própria, analisar bem os documentos, pensar nas possíveis consequências baseado no que você sabe, e assim decidir o que e como devem ser liberadas as informações para a imprensa.

De acordo com o profissional, o limite do jornalismo investigativo está exatamente na publicação de notícias que podem pôr vidas em perigo e que, apesar de receber intimidações do governo americano, não vai parar de fazer reportagens.

– O meu objetivo é fazer jornalismo e eu tenho o direito de fazer isso. Se eu paro porque o governo americano está me ameaçando, eu não devo mais ser um jornalista. Se você quiser ser um jornalista, você precisa passar por cima das ameaças e continuar sem medo dos poderosos.

Para Greenwald, os países precisam responder firmemente contra as espionagens dos Estados Unidos, condenar e investir em proteção. Mesmo que seja a maior potência militar e econômica do mundo, observou, é importante que os governos sejam mais enérgicos.

– Todas as regiões do mundo estão sujeitas à vigilância eletrônica dos EUA. O governo americano disse repetidamente que eles não fazem espionagem econômica. É preciso mostrar que eles fazem sim, o que eles dizem é falso e que eles não são confiáveis.

O jornalista disse que a repercussão do caso e suas consequências interferem muito na vida afetiva e familiar, mas que é normal estar sujeito a isso.

– Obviamente é muito estressante, há muita pressão, mas é da profissão.

Debate: Encontros no Auditório do RDC, no dia 12 de outubro, foram muito disputados

Experiência com dois grandes repórteres

Caco Barcellos e José Hamilton compartilham vivência com estudantes e profissionais

MARIANA SALES

Cautela no uso das informações veiculadas pela internet foi o conselho em comum dado pelos palestrantes do dia 12 de outubro. Destaques na Conferência Global de Jornalismo Investigativo, Caco Barcellos, repórter e editor da TV Globo, e José Hamilton Ribeiro, também repórter da TV Globo, participaram da palestra Profissão: Repórteres, mediada pela jornalista Elvira Lobato.

Os dois ressaltaram a im-

portância da internet para aprimorar as pesquisas e apurações, mas condenaram o uso das informações sem critério.

Os palestrantes ensinaram para o público jovem como fazer uso da internet para levantamentos de dados. De acordo com Caco Barcellos, o meio virtual deve ser usado para melhorar a qualidade das pesquisas. Mas sem esquecer que essas análises são resultado de materiais feitos por outros. O repórter observou que a reportagem pode tornar-se repetitiva ao só fazer análises

por meio desses conteúdos. Para José Hamilton, o repórter corre risco ao confiar exclusivamente na internet.

– O jornalista que confia na internet está perdido, bem como está perdido aquele que não souber usá-la – explicou.

José Hamilton comentou que prefere trabalhar com grandes reportagens, pois o jornalista tem tempo maior para fazer pesquisas e apurações. Ao contrário das matérias dos jornais diários, que são feitas em horas, as grandes reportagens

precisam de semanas ou meses para ser produzidas. Além disso, para chegar à estrutura deste tipo de reportagem, o jornalista apresentou uma fórmula para os espectadores.

– A grande reportagem precisa de um bom começo, pois segura o leitor ou telespectador. Tem que ter um bom final, para não morrer de morte súbita. Para colocar no meio é preciso de trabalho vezes o talento e a potência necessária, para conseguir encorpá-la. A outra variável é o personagem – revelou.

Acesse o novo site do PUC Urgente

www.puc-rio.br/pucurgente



Cultura: Selo de Histórias em Quadrinhos para adultos faz aniversário

Duas décadas de desenhos e lazer

Conteúdo e arte gráfica foram responsáveis pelo sucesso da Vertigo, linha da DC Comics



LUÍSA LACOMBE

Há 20 anos, chegava às bancas a série em quadrinhos *Morte - O Preço da Vida*. Escrita pelo inglês Neil Gaiman, ela foi a primeira a ser publicada pelo selo Vertigo, linha de quadrinhos adultos da DC Comics, nascida do sucesso das histórias criadas por jovens escritores trazidos do Reino Unido pela então editora Karen Berger.

Para o professor do Departamento de Comunicação Social Affonso Fernandes, o destaque da Vertigo estava tanto no conteúdo quanto no visual, que tinham como marca registrada as capas do desenhista Dave McKean, influente até hoje.

– Os temas abordados, ousados e inéditos, eram trabalhados de forma mais inteligente. Além disso, havia um cuidado no roteiro e na magnífica arte gráfica – afirma.

Entre os leitores mais antigos, está o quadrinista Fábio Moon, cuja relação com a Vertigo vai além da admiração. Em 2011, ele e o irmão Gabriel Bá ganharam o prêmio Eisner (Oscar dos Quadrinhos) com sua série *Daytripper*, publicada nos EUA pela linha. No mesmo ano, o gaúcho Rafael Albuquerque também levou um Eisner pela série *American Vampire*, (ainda em publicação pelo selo), feita em parceria com Scott Snyder e o escritor Stephen King.

“**Os temas ousados e inéditos eram trabalhados de forma mais inteligente**”

Affonso Fernandes

Para Moon, o selo não surgiu do nada, mas veio da percepção da DC Comics de que as histórias estavam ficando adultas demais para serem publicadas junto aos super-heróis.

– Foi o começo dos quadrinhos autorais na DC, e isso deu aos autores uma chance de realizar trabalhos mais ousados, com maior liberdade do que tinham antes – disse

Embora tenha ressaltado que não cresceu lendo todos os títulos, e que alguns dos que leu ainda não faziam parte do selo, Moon citou entre seus favoritos o *Monstro do Pântano* de Moore, o gibi *We3*, feito por Grant Morrison e Frank Quitely e o *Sandman* de Gaiman.

– Neil Gaiman é um dos meus escritores favoritos. Quando li *Sandman* pela primeira vez foi um momento muito importante para que eu

refletisse como trabalhar temas mais profundos unindo o elemento mais Pop dos Quadrinhos – disse.

Além das obras já citadas, outros destaques da linha são *Preacher*, de Garth Ennis (que segurou as vendas após o fim de *Sandman*) e mais recentemente *100 balas*, de Brian Azzarello e Eduardo Risso, e *Y: O Último homem*, de Brian K. Vaughan e Pia Guerra, indo além dos gêneros mais explorados, o terror e a fantasia. Nos últimos dias também foi anunciado o lançamento de cinco novas séries, entre elas, o esperado retorno de Gaiman ao universo de *Sandman* com *The Sandman: Overture*, com previsão de lançamento para este ano nos EUA.

Mas nem tudo é alegria. A saída de Karen Berger no fim do ano passado e o cancelamento da revista mensal brasileira podem ser sinais preocupantes. Embora considere a saída de Berger relevante, o também quadrinista João Montanaro não acha que o fim da revista cause preocupação.

– DC Comics anda virando muito careta com os quadrinhos. O fim da revista mensal é uma coisa mais brasileira, pelo visto a Panini não curtiu as últimas vendas e agora quer acabar. Daqui a alguns anos volta de alguma maneira diferente – disse.

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Fotografias: Janelas do Tempo

Construção

ANTONIO ALBUQUERQUE/ACERVO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA (MARÇO DE 1980)



Missa por Dom Oscar Romero, arcebispo de El Salvador, assassinado em 24/03/1980

Uma sala em construção. Um altar. Velas acesas. E um grande número de sacerdotes, entre os quais é possível reconhecer os padres Garcia Rubio, Álvaro Barreiro, Antonio Pereira e José Carlos de Lima Vaz. Não fosse a inscrição na faixa presa à parede inacabada, pouco mais saberíamos sobre a janela que a fotografia aqui impressa abre no tempo.

Nela, as palavras do arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, ditas na véspera de ser assassinado a tiros quando celebrava missa no dia 24/03/1980. A faixa indica que na sala ainda sem reboco celebrava-se uma missa em homenagem a esse salvadorenho, nascido de uma família de mineiros em 1917, ordenado em 1942, que o Concílio Vaticano II, as Conferências Episcopais de Medellín e de Puebla e o contato intenso com o povo pobre transformaram em um bispo comprometido com a causa da justiça e, por isso, incômodo para os donos do poder.

No acervo do Núcleo de Memória outras 12 fotos permitem descobrir mais informações e novas perspectivas do mesmo evento. A sala em construção é o antigo Salão de Vidro que ocupava parte dos pilotis do Leme. Eram 17 os padres que concelebraram aquela missa, entre eles o Reitor, Pe. Mac Dowell, o Vice-Reitor Acadêmico, Pe. Agostinho Castejón e professores de vários Departamentos.

E a razão pela qual a celebração não foi na pequena capela bem ao lado fica clara nas fotos que mostram o grande salão inacabado repleto de estudantes, professores e funcionários.

Nos anos 1980, as diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a reflexão da teologia da libertação, e a organização do povo nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) uniram forças com outras instituições, outras matrizes de pensamento e outros grupos sociais na mobilização que levou à lenta abertura política e à democratização. Na PUC-Rio, como em toda a sociedade, os debates de ideias e os confrontos de posições políticas eram constantes.

Naquela manhã de março de 1980 diferenças e divergências foram suspensas para celebrar a vida de Oscar Romero, um homem corajoso e simples, capaz de falar a língua do povo e de lutar as lutas dos pobres. No salão inacabado era possível entrever uma utopia que “ergueu no patamar quatro paredes sólidas / tijolo com tijolo num desenho mágico”, como na poesia feita música por Chico Buarque. Não será a magia desse desenho que o papa que escolheu chamar-se Francisco propõe para a construção a ser erguida por todos nós?

■ MARGARIDA DE SOUZA NEVES

E WENDY MACINTYRE

NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

Política: Promulgada no dia 5 de outubro de 1988, a nova Constituição do Brasil marcou o fim da ditadura no país

A reconquista da democracia

Há 25 anos, brasileiros têm direitos assegurados, como as eleições diretas

GABRIELA MATTOS

Eleições diretas, liberdade de expressão, igualdade de gêneros e participação popular na política. Há 25 anos, os brasileiros podem usufruir de direitos como esses. No dia 5 de outubro de 1988, foi promulgada uma nova Constituição da República Federativa do Brasil. O documento marcou o fim da ditadura militar e o surgimento da democracia no país. Daquele momento até hoje, ocorreram manifestações que condizem com o caráter democrático da Carta Magna, como no caso dos Caras Pintadas, em 1992.

O processo de redemocratização no Brasil foi iniciado com a Lei da Anistia, em 1979. No entanto, o texto constitucional começou a ser escrito em uma Assembleia Constituinte, em 1987, formada por oito comissões e 24 subcomissões temáticas. Com o objetivo de aproximar os deputados e senadores – cerca de 550 congressistas –, dos brasileiros, os temas que passavam pelas comissões envolviam diversos aspectos, como sociais, políticos e eleitorais. Após ouvir a população, as subcomissões passavam os projetos para as comissões, a fim de tornar o texto coeso e coerente à nova Carta Magna.

Delimitação de propriedades privadas e o direito ao voto aos analfabetos foram alguns dos direitos assegurados pela nova Constituição. A Carta foi importante, segundo o professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) José Luis Bolzan de Moraes, por ter inserido o país em novos campos, como na área de direitos humanos.

– A Constituição fez um redesenho do Brasil, e o inseriu em uma tradição do estado democrático de direito. Houve uma ampliação dos catálogos de direitos internos, internacionais e humanos – explicou o professor, durante o ciclo de palestras comemorativas realizado pelo Departamento de Direito.

Com mais de 70 Emendas Constitucionais, o documento foi modificado ao longo dos 25 anos. A professora do Departamento de Comunicação



FOTOS GABRIELA DORIA

Acima, a palestra Direitos Humanos e a Constituição, realizada pelo Departamento de Direito

Ao lado, Thamís Dalsenter, Adriana Vidal, Bethania Assy e Thula Pires, na mesa Direitos das Minorias



Social, advogada e jornalista Leise Taveira, afirmou que as leis precisam acompanhar as mudanças da sociedade, principalmente as tecnológicas, como a internet. Por outro lado, a professora disse que nem sempre as Propostas de Emenda Constitucional (Pecs) são feitas a favor do bem-estar social, mas de um grupo restrito.

– Por melhor que seja a lei, não pode ser eterna. Com a exceção das Cláusulas Pétreas, as normas precisam acompanhar as mudanças.

“ Houve uma ampliação dos catálogos de direitos internos, internacionais e humanos ”

José Luis Bolzan de Moraes

Precisam ser regulamentadas, como na questão da greve dos servidores públicos. O Legislativo, às vezes, está interessado em casos imediatos, eleitorais, regionais ou interesses só do Poder Executivo. Por vezes, as Pecs são feitas para assegurar interesses do Estado – completou.

Apesar da possibilidade de ser modificada, a Carta Constitucional também traz parágrafos que não podem ser mudados, os do artigo 5º. Entre os pontos presentes nas Cláusulas Pétreas, está a igualdade entre

homens e mulheres perante as leis. A partir deste princípio, a Lei Maria da Penha, por exemplo, foi criada em 2006. Ela prevê uma maior punição aos agressores de mulheres no ambiente doméstico.

Desde a promulgação, a sociedade participou da Constituição de 1988, um direito previsto na lei. Durante os 25 anos, o envolvimento popular foi visto em manifestações e em elaboração de normas. Promulgada em 2010, a Lei da Ficha Limpa foi criada por iniciativa dos cidadãos brasileiros. Teve o objetivo de impedir que políticos investigados no segundo grau de jurisdição, no Tribunal de Justiça, conseguissem ser aceitos para concorrer a cargos públicos.

Com relação às manifestações, o primeiro ato popular que chamou atenção do país após a promulgação da nova Carta Constituinte foi o dos Caras Pintadas, em 1992. Naquela ocasião, milhares de brasileiros foram às ruas após o escândalo que envolveu o primeiro presidente eleito por votação direta. Fernando Collor de Mello foi acusado pelo irmão Pedro Collor de Mello de corrupção com o ex-tesoureiro de campanha política, Paulo César Farias. Foi o primeiro e único caso de impeachment da história do Brasil.

Para o professor do Departamento de Ciências Sociais João Roberto Lopes, o impeachment fez justiça ao povo. O professor afirmou que esse processo condiz com o caráter democrático da Constituição de 1988.

– É a promulgação ao direito à rebelião. O Congresso acolheu as manifestações populares, muito fortes na época – afirmou.



Geografia: Pesquisadores encontram indícios da presença humana nas Cagarras em objetos anteriores ao descobrimento

Entre o conjunto que compõe o arquipélago, a Ilha Redonda é a que fica mais distante da orla do Rio, a cerca de 10km



Nas ilhas muito antes de Cabral

Presença de vestígios pré-históricos em raízes de batata-doce

RODRIGO ZELMANOWICZ

Há muitos anos estudando a vegetação na região do arquipélago das Cagarras, o professor Rogério Ribeiro de Oliveira, do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio, encontrou vestígios que indicam a presença humana pré-histórica nas ilhas. O arquipélago é composto pelas ilhas Cagarra, Comprida, Palmas e Redonda, que foi o objeto de estudo do projeto Ilhas do Mar, patrocinado pelo Instituto Mar Adentro, com participação da PUC-Rio, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Museu Nacional.

O estudo de Ribeiro gerou o trabalho *Uma omelete para a primitiva Garota de Ipanema*, em que ele relata o uso de recursos das ilhas na pré-história. Segundo Ribeiro, das 20 visitas realizadas pela equipe de pesquisadores, apenas seis foram para a ilha Redonda, por conta das dificuldades de se chegar lá.

– A Redonda é a mais distante, fica a quase 10 km da orla de Ipanema, a mais alta, e sempre deixamos para o final porque envolvia uma logística muito mais complicada. Você cai no mar, tem que mergulhar, sair, e depois tem que fazer um trecho de escalada.

Para a surpresa de todos, resolver finalmente enfrentar o mar e o paredão de pedra mudou os rumos da pesquisa. Por ser uma área de difícil acesso e que não tem fontes de água doce, a ilha Redonda tem uma vegetação preservada. E, ao caminhar pelo lugar, o professor encontrou antigos objetos de cerâmica.

– Estava andando e, de repente, apareceram no chão alguns cacos de cerâmica. Pensei: 'que troço estranho, parece gamela de macumbá'. Isso aqui é uma coisa antiga – lembra.

Foram achados três machados de pedra, um pilão, 14 quebradores de coquinhos e dezenas de cacos de cerâmica. E,

como Ribeiro também cursava um pós-doutorado na parte de arqueologia do Museu Nacional, levou as peças para serem examinadas na instituição.

– Fizemos um grupo de estudos e concluímos que essa cerâmica é da tradição Tupi-Guarani, que tem entre 500 e 3 mil anos. Então, é completamente pré-colonial e pré-histórico.

Mas as descobertas não

pararam aí. Na área em que estavam os vestígios arqueológicos, uma planta da família da convolvulácea e do gênero ipomeia, foi encontrada. Eram raízes de batata-doce.

– O único detalhe é que a batata-doce é originária do México e Peru. Então, há 500 ou até 3 mil anos, a batata desceu o México inteiro, atravessou o continente e chegou às ilhas.

Agora o grupo prepara um trabalho sobre a descoberta para apresentar no Congresso Mundial de História Ambiental, no ano que vem em Portugal.

– É uma coisa completamente inusitada você encontrar uma batata-doce pura, direto da fonte. É possível que ela tenha até algum valor agrônômico, porque geneticamente ela está isolada lá.

SEJA PROFESSOR

e aprenda a ensinar ensinando a aprender

Em nossa escola, o melhor lugar da sala pode ser seu. Tudo que você precisa fazer é dar aulas sobre o que você gosta para uma turma com muita vontade de aprender. Esse curso voluntário dura seis meses e ainda vale como atividade complementar.

É assim que a gente capacita profissionais, cria educadores e forma cidadãos

Facebook: /escoladeibi | Tel: 7995-8820/ 9248-4937 | E-mail: escoladeibi@gmail.com




Livro: Literatura marginal é tema da pesquisa do professor de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade

A força da voz das periferias brasileiras

Paulo Tonani se debruça sobre escritores oriundos de favelas

FELIPE MARQUES

De olho no movimento contracultural de literatura periférica, nascido nos grandes centros urbanos, em especial na cidade de São Paulo, Paulo Roberto Tonani, professor do curso de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, publicou o livro *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. A obra é fruto da tese de doutorado que ele defendeu sobre literatura marginal.

Tonani morou na Favela da Rocinha durante toda a infância e a juventude. A chegada na Universidade, antes da graduação em História na PUC-Rio, ocorreu como atendente da lanchonete Subway, atual Fastway. O livro de Tonani oferece os contornos, problemas e desafios do campo literário marginal.

– Não fiquei preocupado

com o sentido do valor literário, estético, mas sim um sentido ético. Criar uma leitura paralela entre ético e estético. Seria um tanto autoritário enquanto crítico eu abandonar a questão política/social. Por outro lado, seria insuficiente trabalhar apenas essa questão, pois nem estaria os tratando como autores. Tentei ler o texto literário pensando em como que, na feitura do texto, entra a dimensão política e social do autor – contou.

A essência do movimento literário marginal é o direito à autorrepresentação, uma inversão de posições entre sujeito e objeto. Os moradores da periferia querem ser os autores dos discursos dos quais são objetos. A crítica literária, nesse sentido, ficou bastante confusa sobre como ler e avaliar os textos que estavam sendo produzidos, pois não sabem quais critérios de leitura deveriam



GABRIELA DORIA

De funcionário do antigo Subway a doutor em Literatura pela PUC

ser utilizados – parâmetros literários, estéticos, ou éticos, devido à origem periférica.

– Em vários artigos publicados muitos estudiosos críticos acabaram questionando o lugar da teoria literária frente a esses autores – disse.

A primeira tese sobre o assunto foi defendida pela cientista social Érica Peçanha, na Universidade de São Paulo (USP). Existem questões sociais, econômicas e culturais complexas ao redor das pessoas que moram na periferia e produzem obras literárias, e é sobre elas que se debruça o trabalho do autor. No entanto, a ideia original do estudo de Tonani não era tão somente desenvolver um pensamento crítico sobre a literatura marginal de maneira específica, mas analisar as características próprias da representação da favela quando as vozes do discurso vêm desse lugar.

– No princípio eu estava interessado no que eu estava nomeando de ‘mediadores e marginais’. Eu queria observar como que, na literatura contemporânea, alguns autores da periferia têm características próprias de retratar o seu entorno. Meu objetivo se tornou nítido quando percebi que as questões em torno do Ferréz, do Sérgio Vaz e do Alan Fontoura da Rosa, por exemplo, são muito grandes – explicou.



Revele sua identidade secreta

Sua dedicação pode salvar o dia de uma criança

A casa Obra do Berço está em busca de voluntários para o projeto Contando Histórias. A instituição abriga crianças carentes diariamente e semanalmente, oferecendo um abrigo sadio, alimentação e vestuário; além de atividades educativas.

Se você gosta de contar histórias, não perca essa chance de se tornar um verdadeiro super-herói e ajudar a mudar a vida de uma criança.

Para mais informações e inscrição:
2539-3902 / contato@aoברdoberçorj.org.br



Literatura: Ilustradores explicam como é o processo de criação de imagens para as histórias de livros infantojuvenis



Traços que dão sentido ao universo das crianças

Estabelecer um diálogo entre imagem e texto é fundamental para o aprendizado

NICOLE LACERDA

Entre riscos e rabiscos nasce o interesse das crianças pelo mundo dos livros. A literatura infantil tem o papel de abrir portas, e a comunhão da imagem com o texto não serve para embelezar o livro: ela tem um papel fundamental no aprendizado, acrescenta informação para fazer com que aquela mensagem escrita seja melhor apreendida pelo leitor mirim.

As ilustrações existem desde os primórdios da humanidade, o homem de Neandertal fazia isso com desenhos na caverna. Uma forma de contar uma história, que pode ser subjetiva, emocional, de forma que

o receptor entenda a ideia. Para o professor Guto Lins, do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, que é um premiado ilustrador de livros infantis, a diferença é que hoje existem mais aparatos tecnológicos e a quantidade de informações que as crianças têm é maior.

Para o desenhista Miguel Geraldo Mendes, mais conhecido como Mig, a ilustração também é uma leitura, ela enriquece e acrescenta sentido ao texto, é como se fosse um comentário extra. Segundo ele, o processo de construção das imagens de um livro infantil começa a partir do texto. O desenhista interpreta a história, faz um layout, um estudo do

que ele quer fazer e preenche as páginas.

– O papel do ilustrador é ilustrar o que ele entendeu do texto, é importante que ele saiba constituir um diálogo – observa.

Formado em jornalismo pela PUC-Rio, Mig sempre gostou de desenhar, mas não imaginava que o hobby viraria profissão. Começou a carreira como estagiário do Jornal da PUC, no Projeto Comunicar, onde participou da primeira turma de estagiários, em 1987. Trabalhava como repórter, mas, quando sobrava um espaço no jornal, criava uma ilustração.

Recentemente, em parce-

ria com o escritor Gustavo Luiz, ele lançou a coleção *Primeiros Sabores da Leitura*. As obras misturam frases curtas e desenhos, são voltadas para a primeira leitura das crianças.

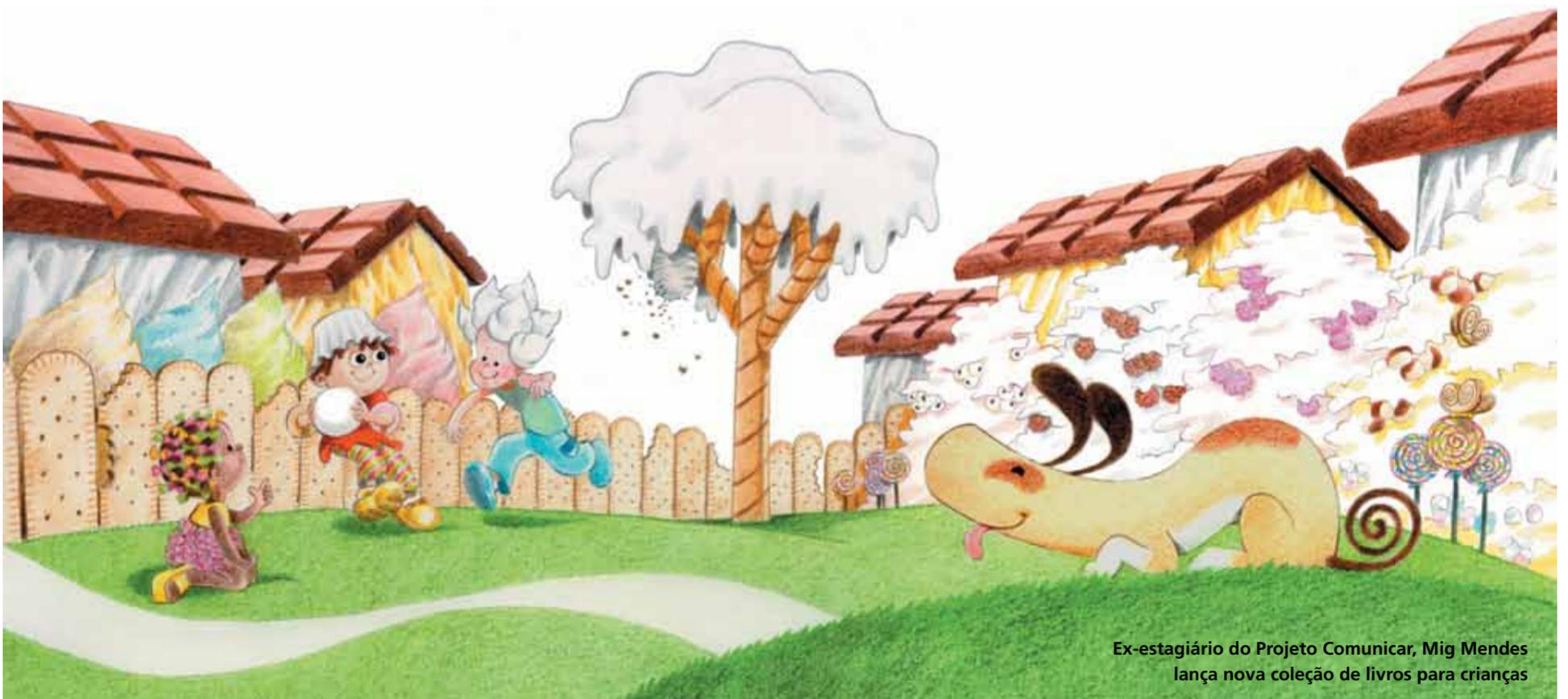
Premiado com os selos Altamente recomendável e Melhor projeto editorial, vencedor do Prêmio de Formento à Cultura 2011 do Sesc-Rio, na categoria Literatura Jovem, Guto Lins diz que a elaboração das imagens começa pela leitura de um texto preto e branco, para imaginar a melhor estética. Ele ressalta que cada artista vai produzir uma ilustração distinta, pois as interpretações são diferentes.

– O desenhista não pode ser

arrogante a ponto de achar que a tradução que ele fez é única. A tradução mais importante é a que a criança vai fazer na cabeça dela. Então, até que ponto você vai ser literal, subjetivo, surreal, depende da análise do texto, de como ele vai ocupar um espaço retangular, em um determinado número de páginas – comenta Lins.

De acordo com o professor, o acesso à tecnologia não pode limitar a criação literária. Para ele, algumas informações funcionam melhor em um livro, e outras, em tablets ou e-books.

– Eu não acho que um suporte eletrônico seja um não livro. Você tem livros ruins e bons nas duas plataformas.



Ex-estagiário do Projeto Comunicar, Mig Mendes lança nova coleção de livros para crianças